

ENSINO E APRENDIZAGEM: a análise do discurso como técnica de pesquisa

* Professora e
investigadora do
Programa de Mestrado
em Educação da
Universidade Católica
de Santos.

** Pós-doutoranda na
UFMG e
Coordenadora do FPA.
E-mail:
ebmalanga@ip2.com.br

Correspondência:
Address:
Rua Oscar Freire
n.416 apto 123
CEP: 01426-901 - São
Paulo (SP)
E-mail:
mglucchesi@uol.com.br

TEACHING AND LEARNING: discourse analysis as a research technique

Martha Abrahão Saad Lucchesi*
Eliana Branco Malanga**

Resumo

Esta pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira – bibliográfica – pretendeu atualizar e aprofundar a questão teórica da análise do discurso e sua aplicação como técnica de pesquisa. A segunda consistiu na entrevista e análise do discurso de professoras de um curso de Psicopedagogia a respeito de um tema específico: seu conhecimento a respeito da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, do pensamento complexo e a sua relação com a psicopedagogia. Entre o objeto, aquilo que é representado, a realidade, e a representação que dela se faz através do signo no conceito de Peirce (1995) ou do significante (da terminologia de Saussure) existe sempre um conceito, uma imagem mental, ou seja, uma construção mental a respeito da realidade percebida. Entrevistamos quatro professoras que, no decorrer do ano de 2004, lecionaram em um mesmo curso de Psicopedagogia na cidade de São Paulo. O objetivo da pesquisa é investigar o grau de familiaridade das professoras com os conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e do pensamento complexo e a sua relação com a psicopedagogia, isso levou a um recorte específico na análise de seus discursos visando a verificar a coerência entre as respostas dadas às várias perguntas e a profundidade com que discorriam sobre o tema proposto.

Artigo recebido em:
03/05/2006
Aprovado em:
27/06/2006

Abstract

This study was carried out in two stages. The first – a bibliographic review – was intended to update and widen the theory of discourse analysis and its application as a

research technique. The second consisted of an interview and discourse analysis of the speech of teachers of a Psycho-pedagogical course, in relation to a specific theme: their knowledge of multidisciplinary, interdisciplinarity, transdisciplinarity and complex thinking, and the relationship between these and psycho-pedagogy. Between the object, that which is represented, the reality, and its representation by means of the sign (according to the concept of Pierce, 1995) or the signifier (using the terminology of Saussure), there is always a concept, a mental image or mental construction of the perceived reality. We interviewed four teachers who, during the year 2004, gave lectures for the same Psycho-pedagogy course in the city of São Paulo. The object of this research is to investigate the teachers' degree of familiarity with the concepts of multidisciplinary, interdisciplinarity, transdisciplinarity and complex thinking, and the relationship between these and psycho-pedagogy. This led to the production of a specific outline in the analysis of their discourses, aimed at determining the coherence between the responses given to the various questions, and the depth with which they discoursed on the proposed theme.

Palavras-chave

Análise do discurso; Ensino/aprendizagem; Transdisciplinaridade.

Keywords

Discourse analysis; Teaching/learning; Transdisciplinarity.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

(BAKHTIN, 1992)

Introdução

A questão do discurso e, conseqüentemente, seu estudo vem ocupando novos espaços na pesquisa da aprendizagem. A fundamentação teórica

para a análise de discurso utilizada nesta pesquisa é de Patrick Charaudeau, da Universidade de Paris XIII. A aprendizagem deve ser entendida aqui como a construção do conhecimento (assumido como saber individual), a qual resulta do processamento subjetivo da informação e do conhecimento disponibilizados pelo meio ambiente em que o sujeito vive. Nesse processo, o sujeito torna-se autor do seu pensamento, uma vez que recria a informação recebida e dá-lhe um significado no conjunto dos seus conhecimentos.

A análise do discurso é uma técnica de pesquisa que apresenta uma grande gama de variações e abrangências: “são várias as correntes de análise que se apresentam, se entrecruzam no momento atual, em torno da disciplina que se convencionou chamar: ‘Análise do Discurso’” (MACHADO, 2001, p. 39).

Guimarães (In MARI et al., 1999, p. 110) ressalta que a origem da significação discursiva é “tanto lingüística como social” e menciona a teoria de Charadeau (1995) sobre o “discurso como um jogo de comunicação” em que a significação é identificada a partir de um duplo movimento: “um que vai do psicossocial à linguagem; outro que vai da língua ao discursivo”.

Neste trabalho considera-se que, para a comunicação, as linguagens e os idiomas são códigos. Eles permitem a transmissão da mensagem entre o emissor e o receptor, através dos canais de comunicação, quer sejam os naturais (fala e ondas sonora, visão e ondas luminosas etc.), quer artificiais (rádio, telefone, televisão, palavra impressa, texto virtual). A comunicação, além de ser intrapessoal, pode ser interpessoal, grupal e de massa. Na comunicação interpessoal há uma troca de mensagens entre duas ou mais pessoas, que trocam entre si as funções de emissor e de receptor das mensagens. Embora essa permuta de papéis não ocorra obrigatoriamente, pois um dos interlocutores pode ouvir calado, ela é possível, dada a proximidade física (real ou intermediada por instrumentos como o telefone) dos interlocutores. Na comunicação grupal, também há um contato direto entre emissor e receptores da mensagem, mas estes são mais numerosos, de modo que tende a haver uma menor quantidade de troca de papéis. É a situação de uma aula ou de um espetáculo de teatro. O que distingue a comunicação grupal da comunicação de massa é justamente essa possibilidade de que o receptor da mensagem se torne emissor de uma resposta. Na teoria da comunicação, esta resposta recebe o nome técnico de retroalimentação ou feed-back. Na comunicação de massa, ao contrário, a via é de mão única. O telespectador, o leitor de

um livro, um jornal ou uma revista, aquele que observa um cartaz na rua não pode se comunicar com o emissor daquela mensagem, utilizando o mesmo meio de comunicação pelo qual está recebendo a mensagem. Para tal, precisa recorrer a outro meio, por exemplo, o telefone, uma carta etc. Nos estudos referentes à relação entre o desenvolvimento do pensamento e a linguagem, interessam-nos, especialmente, os dois primeiros tipos de comunicação: a interpessoal, que o bebê terá com sua mãe e com os que o cercam na primeira infância e a intrapessoal.

Vigotsky (1993) considera a comunicação intrapessoal o elemento essencial para o desenvolvimento do pensamento. Para ele, a linguagem se inicia pelo uso social, de contato com outros seres humanos, ou seja, a comunicação interpessoal. A partir disso, a criança desenvolve a fala egocêntrica, que equivale a um pensar alto, e, posteriormente, esta se interioriza. Vigotsky (1993) estudou crianças em idade pré-escolar e em idade escolar, colocando-as diante de pequenos problemas quando realizavam os desenhos durante o experimento. Ele verificou que diante de um problema – como a falta da cor desejada – a criança em idade pré-escolar fala mais consigo mesma, raciocinando na busca de uma solução, do que quando a atividade transcorre normalmente. Em crianças um pouco mais velhas, a fala egocêntrica foi substituída por períodos de silêncio. Quando o pesquisador perguntava a elas o que estavam pensando o conteúdo da resposta se assemelhava ao da fala das crianças menores. Essa fala egocêntrica é econômica em informações, já que a fonte e o receptor da mensagem são a mesma pessoa, a qual está devidamente informada sobre o contexto a que se refere a mensagem. Limita-se, portanto, a comentários lacônicos, como “vou usar este” ou “vou fazer mais forte”. Essas mesmas crianças, em situação de comunicação interpessoal, elaboram frases mais completas.

Desenvolvimento: discurso e realidade

Vigotsky (1993) ressalta que existem formas de pensamento operativo que são desvinculadas da linguagem verbal, podendo ser anteriores a esta e sendo observáveis mesmo em alguns animais. Esse tipo de

pensamento estaria ligado ao uso de ferramentas e outros meios materiais que permitem atingir objetivos práticos. Para ele, também algumas atividades relacionadas ao trabalho manual, inclusive agrícola, estariam ligadas a esse tipo de pensamento. É preciso ressaltar que Vigotsky se propôs, junto com outros pesquisadores soviéticos, a desenvolver uma psicologia marxista, e que, para os marxistas, o caráter distintivo do ser humano se desenvolve pelo trabalho. Isto, contudo, não invalida sua observação a respeito do pensamento não verbal.

Embora o conhecimento objetivo e desapaixonado da realidade tenha sido a meta de estudiosos durante muitos séculos e a ilusão de atingi-lo foi a pretensão das primeiras gerações de cientistas, uma melhor compreensão de como se dá a percepção da realidade mostra quanto nossas próprias crenças, nem sempre racionais, interferem nesse processo.

Entre o objeto, aquilo que é representado, a realidade, e a representação que dela se faz através do signo (PEIRCE, 1995) ou do significante (Saussure) existe sempre um conceito, uma imagem mental, ou seja, uma construção mental a respeito da realidade percebida.

Na lingüística moderna, entretanto, a tendência dominante tem sido considerar a língua como organizadora da estrutura conceitual do universo e já se tornou lugar-comum afirmar que ela é “o molde do pensamento”, ou “o instrumento de análise ou recorte da realidade” [...]; trata-se, em última análise, da tese clássica de W. von Humboldt, para quem a língua é “o órgão construtor do pensamento” (“das bildende Organes Gedanken”). (BLIKSTEIN, 1983, p. 40)

Pelo esquema de Chomsky (apud BLIKSTEIN, 1983, p. 50), entre o estímulo externo e a percepção haveria a filtragem feita pelo “sistema de crenças, estratégias perceptuais e outros fatores”. Resta a questão de como se formaria esse sistema que seleciona e organiza a realidade percebida. Pode-se afirmar que é por meio da socialização que o ser humano adquire os modelos perceptivos através dos quais vê a realidade. Isto num processo individual de adaptação à sociedade, mas esta também constrói modelos perceptivos compartilhados a partir da práxis.

Somente uma pequena parte das experiências humanas é retida na consciência. As experiências que ficam assim retidas são sedimentadas, isto é, consolidam-se na lembrança como entidades reconhecíveis e capazes de serem lembradas. Se não houvesse essa sedimentação o indivíduo não poderia dar sentido à sua biografia. A sedimentação intersubjetiva também

ocorre quando vários indivíduos participam de uma biografia comum, cujas experiências se incorporam em um acervo comum de conhecimento. A sedimentação intersubjetiva só pode ser verdadeiramente chamada social quando se objetivou em um sistema de sinais desta ou daquela espécie, isto é, quando surge a possibilidade de repetir-se a objetivação das experiências compartilhadas. Só então provavelmente estas experiências serão transmitidas de uma geração à seguinte e de uma coletividade à outra (BERGER, LUCKMANN, 1976, p.95-96)

Existe, pois, uma relação direta entre a experiência concreta e a organização do pensamento. Entretanto, não se trata de um contato direto e único. Os grupos sociais organizam sua experiência em forma de conhecimento com a finalidade de preservação da vida. No entanto, essa experiência, ao se organizar, utiliza-se da mediação da linguagem e, de certo modo, cristaliza-se, uma vez que as novas experiências tendem a ser organizadas de acordo com os padrões pré-estabelecidos. A mudança desses padrões é um processo longo e cheio de atritos.

Por que organizamos nossa percepção desse modo? Porque a realidade é caótica e pouco significativa, a menos que seja filtrada e organizada pelo observador. Assim, “na dimensão da práxis vital, o homem *cognoscente* desenvolve, para existir e sobreviver, mecanismos não-verbais de diferenciação e de identificação” (BLIKSTEIN, 1983, p. 60): dentro do próprio grupo social a que pertence, o indivíduo “estabelece e articula *traços* de diferenciação e de identificação”(grifos do autor). A partir deste é que ele se torna capaz de “discriminar, reconhecer e selecionar, por entre os estímulos do universo amorfo e contínuo do ‘real’, as cores, as formas, as funções, os espaços e tempos necessários à sua sobrevivência” (BLIKSTEIN, 1983, p. 60).

Os traços adquirem valores positivos e meliorativos ou negativos e pejorativos, transformando-se, assim, “em traços ideológicos”, os quais vão configurar os corredores semânticos ou “isotopias”. Os corredores semânticos formam os “óculos sociais” que vão dirigir a percepção e a cognição. É através, pois, dos “estereótipos de percepção” que vemos a realidade.

O referente, que normalmente identificamos com a coisa, ser ou objeto percebido, não é, pois, a realidade propriamente dita, mas a realidade percebida através dos “óculos sociais” que permanentemente utilizamos. A compreensão de que a cognição se dá de forma tão complexa e mediatizada é um instrumento útil quando a autoria do pensamento, que embora subjetiva – uma vez que o indivíduo dá ao seus saberes uma

carga de emoção baseada nas suas vivências sociais – é marcadamente social e cultural em seus limites e contornos.

Em seu estudo sobre a questão da linguagem e seu desenvolvimento na infância, Souza (1997, p. 62) ressalta a influência do meio social e do sistema ideológico na construção do sujeito, apoiando-se em Bakhtin.

Bakhtin sugere, assim, que a distorção que o sujeito opera na compreensão da realidade não pode ser explicada exclusivamente pela história individual de um psiquismo, como pretende a psicanálise, e busca as conexões esclarecedoras da verdade do sujeito nos sistemas ideológicos sedimentados no contexto social a que este se encontra submetido.

A análise do discurso é uma técnica de pesquisa que apresenta uma grande gama de variações e abrangências: “são várias as correntes de análise que se apresentam, se entrecruzam no momento atual, em torno da disciplina que se convencionou chamar: ‘Análise do Discurso’” (MACHADO, 2001, p. 39).

Orlandi (2005, p. 17-18) ressalta que a análise do discurso, diferentemente da análise de conteúdo, não busca saber apenas o que o texto quer dizer, mas também como ele estrutura e manifesta esse pensamento. Em suas palavras: “como este texto significa?” Isto porque a análise do discurso “produz um conhecimento a partir do próprio texto”, pois vê nele “uma materialidade simbólica própria e significativa”, já que “o concebe em sua discursividade”.

Em outras palavras, a análise do discurso não faz a clássica distinção entre forma e conteúdo; mas as “marcas formais” não têm um valor em si para esta análise, mas, sim, contextualizadas no discurso em que se inserem (ORLANDI, 2005).

Uma pesquisa utilizando a análise do discurso

O objetivo da pesquisa foi investigar se as entrevistadas conheciam a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a teoria do pensamento complexo, pois, no Brasil, a Psicopedagogia costuma ser conceituada como um campo de conhecimento interdisciplinar.

Foram entrevistadas quatro professoras que, no decorrer do ano de 2004, lecionaram em um mesmo curso de Psicopedagogia na cidade de São Paulo. A primeira é graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise, atividade que ainda exerce; a segunda em Artes Visuais, a terceira em Terapia Ocupacional, trabalhando em um Centro de Atendimento Psicossocial da Prefeitura de São Paulo; a quarta é graduada em Biologia e lecionou muito tempo em sua área até cursar Psicopedagogia Clínica, passando a clinicar e, posteriormente, a lecionar em cursos de Psicopedagogia, atividades que exerce atualmente. A primeira e a quarta são doutoras em Psicopedagogia e as outras duas são mestrandas na área.

Foram feitas as seguintes perguntas abertas às entrevistadas, para que respondessem por escrito, via Internet:

- 1) Você já leu ou ouviu falar de Pensamento Complexo?
- 2) Como você entende a relação entre a Psicopedagogia e a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade?
- 3) Como você conceitua a Psicopedagogia?

A terceira questão pretende confirmar a segunda, verificando a coerência entre as duas respostas, pois cada uma das possibilidades – a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade – configura um conceito diferente de Psicopedagogia.

Analisando os resultados da pesquisa

Ao confirmarem conhecimento sobre o pensamento complexo, as professoras tecem as seguintes observações:

Sim. Temos alguns autores: Humberto Mariotti, que pesquisa esta questão e vincula a construção do pensamento complexo às nossas origens primárias [quando ainda éramos oriundos de uma sociedade matriarcal] e, também, Edgar Morin, que trata da questão do pensamento complexo, construções pedagógicas e da solidariedade humana.

Compreendo pensamento complexo quando somos capazes de estabelecer uma “ponte” entre os dois lados do hemisfério cerebral,

favorecendo a construção perceptiva e simultânea entre, por exemplo, sentidos subjetivos e cartesianos: o lógico e o não-lógico, entre o prazer e a necessidade, entre a razão e a emoção, e outros. Portanto, permitimo-nos lidar com fatores de surpresa, imaginação, aleatoriedade. Saímos de nossas mentes condicionadas e exploramos o acaso, e passamos a nos situar nos “afetos”. (Entrevistada 1)

Já ouvi e li muito sobre o pensamento complexo. Minha dissertação de mestrado fala sobre transdisciplinaridade e um de seus pilares é a Complexidade. (Entrevistada 2)

Sim, ouvi falar na faculdade e já li sobre o pensamento complexo. Pensamento complexo é um novo modo de pensar, buscando compreender o todo partindo das partes; no entanto, não negligenciando as partes para entender o todo. Ocorre um abandono do pensamento linear para um movimento circular, da parte ao todo e do todo às partes em busca da compreensão do fenômeno. A complexidade não é um conceito teórico, mas um fato da vida; um entrelaçamento, uma interação dos sistemas e fenômenos que compõem o mundo natural. (Entrevistada 3)

Sim. Desenvolvido por Morin, busca uma nova percepção de mundo, a partir da ótica da complexidade. Em lugar da percepção reducionista e cartesiana procura uma visão sistêmica de um mundo de incertezas gerado por um tempo de transformações. (Entrevistada 4)

No que se refere à multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, verifica-se que as professoras pesquisadas vêem a transdisciplinaridade como uma atitude, uma postura, uma forma de abordagem, o que corresponde à proposta do CIRET. Consideram que a psicopedagogia é uma área especialmente favorável à transdisciplinaridade, por ser um recurso para várias disciplinas, na busca da solução dos problemas de aprendizagem. Nenhuma das entrevistadas limita a psicopedagogia à multidisciplinaridade, conforme indicam os depoimentos:

A Psicopedagogia surgiu da necessidade de encontrarmos novas respostas para os chamados distúrbios de aprendizagem. Ela se constitui a partir de um movimento interdisciplinar de diferentes áreas do conhecimento. Como todas as áreas disciplinares a psicopedagogia tem um saber teórico próprio que lhe confere o status de disciplina que, também por uma necessidade, transita da multidisciplinaridade para a interdisciplinaridade. Quanto à transdisciplinaridade, profissionais de áreas interdisciplinares como a psicopedagogia talvez tenham mais facilidade de praticá-la, mas acredito que não é a área disciplinar que facilita a atuação trans, mas sim uma disponibilidade interna, subjetiva de quem atua. (Entrevistada 2)

Para se compreender a Psicopedagogia estabelecem-se questões interdisciplinares, pois buscamos os embasamentos teóricos e científicos

em outras áreas de estudo como: a Filosofia, a Psicologia, a Neurologia, a Fisioterapia, a Pedagogia etc. Como conceituamos áreas afins e temos teóricos em comum, estabelecemos como ponto de construção bases multidisciplinares de nosso processo de comunicação de saber questionar para saber ouvir, onde o veículo “linguagem” cria um “intervalo” de construção de autoria. Essas interações vinculadas às nossas “estruturas decodificantes”(g.n) nos colocam no patamar da aprendizagem, ou seja, frente a frente com o nosso “objeto” do desejo. A transdisciplinaridade deixa de ser um objeto do conhecimento [adquirido] para transpor ou “transacionar”(g.n) a vida com este “objeto”. Em poucas palavras, quando escutamos alguém na verdade não o ouvimos, escutamos aquilo que podemos intervir sobre a argumentação do outro, ceifando-lhe a liberdade de apenas ser em sua construção do “novo”, porque este “novo”(g.n.) gerado pela autoria alheia é uma ameaça e uma atitude desafiadora [complexa]. A transdisciplinaridade rotaciona-nos para a transformação. (Entrevistada 1)

Psicopedagogia /

Multidisciplinaridade entendo como possível e necessária a participação de disciplinas diversas que se somam e acrescentam para auxiliar e enriquecer a Psicopedagogia em suas necessidades / dificuldades.

Psicopedagogia /

Interdisciplinaridade depende de uma mudança de atitude sem perda da identidade: ter alteridade, saber ouvir o outro, dialogar, ser humilde, desafiar, aceitar o novo, sendo assim, faz-se necessário ter conhecimento e ter competência profissional.

Psicopedagogia / Transdisciplinaridade considero ser o aspecto mais importante para a psicopedagogia e destaco como característica básica o conhecimento; devendo ir além do conhecer, para um pensar e um mudar permanente e, também, um compartilhar que acrescente tanto para um como para o outro (paciente e psicopedagogo). (Entrevistada 3)

Pensando que a interdisciplinaridade são informações comuns a dois ou mais campos do conhecimento a multidisciplinaridade abrange várias disciplinas, a transdisciplinaridade é uma maneira nova da psicopedagogia, que abrange vários campos, podendo ser considerada, a meu ver, como multidisciplinar e transdisciplinar. (Entrevistada 4)

Ao conceituar psicopedagogia, quase todas as respondentes mencionaram a interdisciplinaridade. Isto, entretanto, não pode ser visto como um dado neutro, uma vez que a questão foi colocada logo em seguida à reflexão sobre transdisciplinaridade. Contudo, os conceitos, mesmo quando não mencionam inter ou transdisciplinaridade, vêm sua atuação

como função integradora do sujeito aprendente, que é entendido como um todo, num movimento integrador.

A Psicopedagogia é uma área de estudos que articula questões do pensamento e da percepção na relação de como o sujeito aprende. Facilita, por intermédio do sentido [ouvir, observar, sentir etc.], a compreensão subjetiva das “teias” em que esse sujeito está inserido e como esse mesmo sujeito se relaciona com este meio. É uma relação de vida e sua história individual, e de como os saberes pedagógicos foram ou não potencializados no prazer de fazer ou não. É um processo facilitador de interação entre o sujeito e sua autoria.

Considero a arte parte integrante deste processo, como um elo, ferramenta “inter-multi-transdisciplinar” nos caminhos de construção de autoria, a “liga” que nos conta e nos ajuda a “desenhar” o entendimento de quem somos, desvelando, em nós, nossa própria capacidade e potencialidade de autoria e valorização. (Entrevistada 1)

A psicopedagogia é uma área de conhecimento interdisciplinar que tem como objeto de estudo o sujeito autor do pensamento. (Entrevistada 2)

Definir psicopedagogia nos leva a uma reflexão profunda neste momento de aceleradas mudanças: uma revolução no olhar, no ouvir, no sentir, numa busca transdisciplinar, a qual fica mais difícil neste universo atual.

Psicopedagogia um projeto revolucionário no qual as pessoas assumem o papel de sujeito-histórico e requer voltar nossa atenção para os processos de interação, básicos na construção do conhecimento e dos sujeitos. (Entrevistada 3)

A Psicopedagogia tem-se configurado como um campo de investigação multidisciplinar cercando-se, para isso, de conhecimentos de diferentes áreas sobre as bases orgânicas, psicológicas e sociais do sujeito aprendente e vem buscando a cientificidade, construindo métodos próprios. (Entrevistada 4)

Considerações finais

Como o objetivo da pesquisa era investigar o grau de familiaridade das professoras com os conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e do pensamento complexo e a sua relação com a psicopedagogia, isso levou a um recorte específico na análise de seus discursos, visando a verificar a coerência entre as respostas dadas às várias

perguntas e a profundidade com que discorriam sobre o tema proposto. Entretanto, uma das hipóteses trabalhadas foi que essas mesmas entrevistas possibilitariam outras análises, como, por exemplo: o grau de interesse de cada uma pelo magistério em comparação com o atendimento clínico; a busca de fontes bibliográficas para fundamentar seu pensamento; a tentativa de harmonizar as diversas linhas conceituais a que estiveram expostas com relação à psicopedagogia.

Para encerrar, gostaríamos de acrescentar com base em Orlandi (2005), que quando falamos em discurso, não estamos, obrigatoriamente, limitados ao discurso verbal, oral ou escrito, mas que podemos também utilizar a análise dos discursos não verbais, inclusive o corporal. Compreende-se que o professor emite discursos verbais e não-verbais o tempo todo, quando está em sala de aula e que os alunos captam esses discursos quer consciente quer inconscientemente. A nossa comunicação é, portanto, mais ampla e variada do que costumamos imaginar, e a análise do discurso configura-se como um útil instrumento para melhor conhecê-la e compreendê-la.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- _____. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1988.
- BERGER, Peter I.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976. (Antropologia n.5)
- BLIKSTEIN, Izidoro. Semiose não-verbal e pensamento visual. In: BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo, SP: Cultrix / EDUSP, 1983. p. 65-75.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*, Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, pp. 13-41
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Literacia, materacia e tecnocracia: um *trivium* para o futuro? *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- GUIMARÃES, César. Algumas notas sobre a interlocução entre a análise do discurso e a teoria da comunicação. In: MARI, Hugo; PIRES, Sueli; CRUZ, Amadeu Roselli; MACHADO, Ida Lúcia. *Fundamentos e dimensões da análise de discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso FALE – UFMG/Carol Borges Editora, 1999. p. 107-122.
- MACHADO, Ida Lúcia. Uma teoria da análise do discurso: a semiolinguística. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Núcleo de Análise do Discurso, 2001. p. 39-62.

NICOLESCU, Basarab. **Definition of transdisciplinarity**. 29-May-03 19:37 UT. Rethinking Interdisciplinarity The Potential of Transdisciplinarity.htm. Disponível em: <http://www.interdisciplines.org/interdisciplinarity/papers/5/24>. Acesso em: 25/02/2004.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 2.ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1995.

PROJETO CIRET-UNESCO. Evolução transdisciplinar da Universidade. CONGRESSO DE LOCARNO Congresso Internacional. QUE UNIVERSIDADE PARA O AMANHÃ? EM BUSCA DE UMA EVOLUÇÃO TRANSDISCIPLINAR DA UNIVERSIDADE. Locarno, Suíça, de 30 de abril a 02 de maio de 1997. [**síntese do documento**]

SOUZA, Solange Jobim e. **Infância e linguagem**. Bakhtin, Vygotsky, Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 1997.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, Alexander Romanovich; LEIONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, SP: Ícone/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

